

apanhado, amiúde vilmente caricatural, de doutrina religiosa católica acriticamente amalgamada e sem nenhuma contextualização histórica, sujeitando esse resumo dogmático a operações de exibição menospreziva e escarninha (explícito do Autor, p. 56, 78).

O próprio apelo final dos dois correspondentes a favor de “uma humanidade futura que não necessite de procurar para (*sic*, leia-se ‘fora’, certamente) de si as razões que fundamentem uma convivência solidária e fraterna” merece todo o nosso aplauso e terá o nosso melhor contributo. Ora, o estudo de um documento tão complexo e tão rico de longa e funda história humana como é a Bíblia poderia ser um bom contributo para nos aproximar desse objectivo. Mas, para a cruzada que ele mesmo proclamou, o Autor perdeu em grande parte a oportunidade de aproveitar algo da Bíblia. O próprio dinamismo do diálogo intercultural com a sua correspondente japonesa ficou fruste e quase só serviu para dar a todo o texto um ar coloquial.

A edição portuguesa acrescentou abundantes notas a cada carta, mas elas são praticamente todas inúteis, pois simplesmente copiam numa outra tradução portuguesa da Bíblia a citação que se apresentava referenciada dentro do texto. Ora as traduções podem ser inúmeras e acrescentar outra tradução portuguesa nada interferiu na discussão do conteúdo.

Enfim, a Caminho, que até tem algumas boas razões para bom nome editorial, poderia ter investido muito mais eficazmente na tradução de livros melhores que este, mesmo em termos de leitura “laica” da Bíblia.

José Augusto Ramos

MARK S. SMITH, *The Ugaritic Baal Cycle: Vol. 1: Introduction with text and commentary of KTU 1.1-1.2*, E. J. Brill, Leiden/N. York/Colónia, 1994, XXXVI + 446 pp. ISBN 9004099956.

M. Smith é professor na Universidade Saint Joseph de Filadélfia e fez o seu doutoramento em Línguas e Literaturas Semíticas do Noroeste em Yale. Este livro tem o nº 55 da colecção “Supplements to Vetus Testamentum”, revista editada pela mesma editorial.

Estuda o ciclo de Baal, que é o mais longo e mais importante texto religioso-cultural proveniente de Ugarit e também da área das culturas

semíticas ocidentais fora da Bíblia. Nele se contêm algumas das concepções religiosas fundamentais de Ugarit e com elas a sua visão do mundo e da vida. Estes materiais constituem, por outro lado, a base e o pano de fundo para muitas das ideias, imagens e símbolos que encontramos na Bíblia, até mesmo nas épocas mais recentes do Novo Testamento, que no essencial continua a veicular categorias da antiga antropologia cultural do mundo pré-clássico.

Desde os anos 30, o estudo destes testemunhos da cultura semítica ocidental percorreu um longo caminho. Houve já o tempo do necessário investimento no apuramento das leituras epigráficas, na decifração dos novelos gramaticais, na iluminação dos elementares caminhos literários, na descoberta das estruturas literárias e mentais organizativas. Nestas dimensões básicas atingiram-se já consensos suficientes. E chegou o tempo dos comentários. Este livro apresenta-se justamente como sendo o primeiro comentário sobre o conjunto mítico do ciclo de Baal. Já era possível e já era preciso.

Este ar de apaziguamento do ambiente ugaritológico começa realmente a sentir-se neste livro. Ele não tem já o aspecto labiríntico que era habitual encontrar-se nos livros que abordavam directamente os textos: ou não seguiam o mesmo sistema de numeração das tabuinhas ou não partilhavam da mesma opinião sobre a sequência das várias tabuinhas ou das suas colunas na composição de uma sequência literária. E assim se criava uma selva impenetrável aos leigos, que só se podia começar a frequentar com a ajuda de chaves, bibliografias e concordâncias. Este livro, pelo contrário, apresenta-se-nos com um ar já bastante desenrodlhado, rico de referências e bibliografias, mas sem grandes enovelamentos. O facto de não voltar a narrar a história da descoberta de Ras Shamra, como era de norma, deixa transparecer atitudes novas que sabe bem ver e considera o material de Ugarit naturalmente estabelecido no domínio do orientalismo.

Das questões de introdução, o A. privilegiou a da data em que apareceram estes textos, assentando no período entre 1380 e 1360, nos inícios do reinado de Niqmadu II, que terá subido ao trono no mesmo ano de Amen-hotep IV, no Egipto, e Supiluliuma, entre os Hititas. Isto refere-se à escrita dos exemplares de tabuinhas de onde provém o actual texto do ciclo de Baal. Mais complexo é estabelecer datas pormenorizadas no desenvolvimento do próprio tema. Este teria provavelmente as suas ori-

gens lá para o século XX, a. C., ligado à difusão e grande florescimento de culturas amorreias.

Quanto à ordem das tabuinhas e das suas colunas na construção dos vários poemas míticos do ciclo de Baal, se bem que o A. faça uma longa exposição dos prós e dos contras, segundo as posições dos especialistas mais versados (p. 2-25), acaba por se situar numa solução de bastante consenso e que já vem de longa data. E quanto à classificação literária, acabou por assentar na de um complexo desenvolvimento mítico, apesar das dificuldades da definição do conceito (p. 26-28).

Relativamente ao desenvolvimento literário do ciclo, estuda as suas características de oralidade e a possibilidade de ter primeiro existido nesse estado bem como as relações com outras tradições de temática análoga, nomeadamente na Mesopotâmia e entre os Hititas. Nesse tempo, os vários conjuntos do ciclo poderiam ter corrido como elementos independentes uns dos outros, se bem que hoje os três quadros Baal e Yamm, o palácio de Baal e Baal e Mot pareçam claramente constituir uma sequência literária de razoável coesão. Existem argumentos situados em níveis muito variados do texto que lhe evidenciam algum carácter arcaico, tais como questões de alfabeto, de ortografia, fonologia e morfologia (sobretudo questões de uso do sistema verbal) e ainda argumentos de sintaxe e vocabulário (p. 36-58).

Para o fim da introdução ficou a síntese sobre as interpretações do ciclo de Baal (p. 58-113). Um dado parece universalmente consensual: o ciclo de Baal narra basicamente um conflito que termina com um desfecho positivo (p. 59). Mas, para além disto, as questões interpretativas têm-se multiplicado generosamente, tanto no conjunto como em aspectos de pormenor. Mas a sua grande variedade pode organizar-se em três âmbitos diferentes.

As interpretações que viam neste ciclo um mito ritual ou sazonal contaram com grandes nomes e enquadravam-se razoavelmente na experiência humana da vida e da natureza na região e nas preocupações acentuadas com a fertilidade, muito condizentes com a sequência sazonal. No entanto, não se conhecem bem as festas sazonais que deveriam andar ligadas a este ciclo. A maior deficiência, porém, da interpretação sazonal é que essas preocupações não são específicas do ciclo de Baal (p. 75), mas encontram-se igualmente noutros textos e ligadas a outras figuras mitológicas. Dependente da leitura sazonal andavam ainda outras interpretações que lêem este ciclo no âmbito das figuras da mitologia

oriental que integram a ideia de morte e sofrimento como elemento significativo; tais são Tamuz, Osíris e ainda Adónis, mais tardiamente. Pese embora as analogias, Baal não é um “deus que morre e ressuscita” (p. 70-73). É mais um deus que combate e age e, nisso, convive com o perigo.

As interpretações cosmogónicas apresentam, certamente, muitos atractivos e oferecem muito espaço para definir diversas preocupações concretas, uma vez que implicam conotações múltiplas e subtis, desde o nível cósmico ao histórico. O A. estuda várias formas variantes ou “alofomas” desta questão e nomeadamente a relação específica existente entre teogonia e cosmogonia na mitologia de Ugarit (p. 78 ss). Apesar de a interpretação histórica e política normalmente poder ser sentida como algo que desvirtua as ressonâncias de um conteúdo mítico, levantam-se algumas hipóteses importantes de leitura cujo conteúdo se situa no domínio histórico-político. É sobretudo a relação que poderá existir entre o conteúdo do ciclo de Baal e a ascensão dos Amorreus em Ugarit, em torno ao ano 2000 a. C. (p. 89 ss), começando uma lendária dinastia com Niqmadu I, com a qual Niqmadu II, responsável pelo actual texto do ciclo de Baal, pretendia reatar. É neste contexto de coincidência da presença amorreia também na Babilónia com a dinastia a que pertence Hammurabi que se situa a questão interessante da relação de dependência que pode existir entre o ciclo de Baal e o *Enuma-eliš*. Alguns textos de Mari constituiriam a ponte entre os dois extremos. E as características da luta com o monstro marinho apontam claramente para uma mundividência ocidental. No entanto, a sua opinião é que ambos dependam de uma raiz comum.

O comentário propriamente dito ocupa, naturalmente, a grande parte do volume (p. 117-361). Nele, o A. faz o comentário das duas tabuinhas que contêm o quadro mítico da luta de Baal e Yamm, coluna por coluna. Para cada uma delas, vem primeiro uma bibliografia específica e seleccionada, depois o texto (nalguns casos, com a tradução imediatamente juxtaposta) com as notas textuais de carácter técnico-epigráfico; depois, vem a tradução, levando em paralelo o texto devidamente vocalizado, quando o texto se apresenta íntegro; e, finalmente, aparece o amplo comentário ao conteúdo de cada coluna.

Não é, evidentemente, possível percorrer sequer por alto os temas tratados ao longo do comentário. Baste assinalar que com este o material cultural desta literatura fica muito mais acessível àqueles, como os historiadores, que precisam de contactar com os seus dados sem possi-

bilidade de adquirirem previamente a preparação técnica que ainda se exigia.

Uma bibliografia de perto de um milhar de títulos (p. 363-401) possibilita a continuação da tarefa num trabalho pessoal profícuo. Os índices de citações ugaríticas e bíblicas e de muitos outros textos orientais, mais antigos e mais recentes, bem como o índice de matérias e de autores, ambos generosos, possibilitam a utilização deste comentário como se fosse uma enciclopédia do ciclo de Baal e de Ugarit.

Provavelmente o facto de o A. considerar este livro aberto à chegada de mais um ou dois volumes para completar todo o ciclo levou-o a não colocar no final deste volume uma conclusão tendente a sumarizar a sua leitura sobre o combate de Baal contra Yamm, que se encontra completo neste volume, dado que as questões de interpretação tratadas na introdução focam a totalidade do ciclo de Baal e não este ponto de modo específico.

José Augusto Ramos

MIREILLE HADAS-LEBEL, *Jérusalém contre Rome*, Ed. du Cerf, Paris, 1990, 555 pp., ISBN - 2-204-04141-6. 239 FF.

A secção de “Judaïsme”, que é já a mais longa da colecção “Patrimoines” dedicada ao pensamento e história das grandes religiões do mundo, aparece agora enriquecida com mais um volume de fundo sobre o confronto de múltiplas facetas entre Jerusalém e Roma, durante vários séculos da História Antiga. Este livro foi o resultado de uma dissertação de doutoramento e pretende descrever não tanto as vicissitudes do confronto entre as capitais dos dois mundos opostos, mas sim a imagem de Roma tal como era vista desde Jerusalém, ao longo dos séculos que durou o domínio romano sobre esta última. Isto situa-se aproximadamente de 161 a. C., até 325 d. C. As fontes utilizadas são basicamente os livros dos Macabeus, Fílon, Flávio Josefo e o “oceano” da Mishná e do Talmude, sem descurar a outra literatura parabíblica escrita por aquela mesma altura.

Até 63 a. C., a imagem de Roma que se pode detectar desde Jerusalém é de grande admiração e é com satisfação que os Judeus sentem